

Mamulengos: sustentabilidade e criatividade nas aulas de História

Vanêssa Maria de Queiroz Freitas*

Heudja Santana Varela Ribeiro de Araújo*

Carla Arione de Oliveira Araújo*

Mayara Vívian de Medeiros*

Resumo: O presente trabalho trata sobre o surgimento dos mamulengos e as possibilidades do seu uso como metodologia na sala de aula para o ensino de História. A incorporação do teatro de mamulengo como metodologia lúdico-pedagógica nas aulas de História é utilizada como um recurso didático facilitando a aprendizagem dos alunos, pois os mesmos são envolvidos na construção e produção de conhecimento. O objetivo principal desse trabalho é mostrar a forma que o PIBID de História do CERES/UFRN utilizou os mamulengos como recurso pedagógicos nas suas intervenções desenvolvidas nas escolas EECCAM E CEJA localizadas na cidade de Caicó, RN.

Palavras-chave: Mamulengos; PIBID; Ensino de História.

1. O surgimento dos mamulengos e sua inserção no ensino.

* Licenciando (a) em História pelo Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES). Orientada pela professora Doutora Jailma Maria de Lima, Coordenadora de Área do PIBID e professora da UFRN.

* Licenciando (a) em História pelo Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES). Orientada pela professora Doutora Jailma Maria de Lima, Coordenadora de Área do PIBID e professora da UFRN.

* Licenciando (a) em História pelo Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES). Orientada pela professora Doutora Jailma Maria de Lima, Coordenadora de Área do PIBID e professora da UFRN.

* Licenciando (a) em História pelo Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES). Orientada pela professora Doutora Jailma Maria de Lima, Coordenadora de Área do PIBID e professora da UFRN.

O teatro têm sua origem na Antiguidade e sua disseminação através da civilização Grega, que utilizava o teatro de bonecos para fins culturais e religiosos. Após ser absorvido pelo Império Romano, o teatro de bonecos passou a ser conhecido por toda a Europa.

É uma manifestação artística presente na cultura de muitos povos que se desenvolveu a espontaneamente em diferentes latitudes, ainda que, na maioria dos casos, por imitação. Antes mesmo do florescimento do teatro grego da Antiguidade, a civilização egípcia tinha nas representações dramáticas uma das expressões de sua cultura. [...]E foi do Egito que elas passaram para a Grécia, onde o teatro e teve um florescimento admirável, graças à genialidade dos dramaturgos gregos. (MAGALHÃES JÚNIOR,1980:4)

Na Ásia também existia o outro, mas de outra forma que até hoje ainda o singulariza. “[...] além das celebrações de caráter religioso, passaram também a ser evocados os êxitos militares e outros acontecimentos. E assim, as profissões e danças foram cedendo lugar à forma dramática”.(RAIMUNDO MAGALHÃES JÚNIOR,1980, P4,5)¹. No que diz respeito aos fantoches utilizados no teatro eram de barro e com pouca mobilidade. Só posteriormente é que vai ser inserido o movimento da cabeça e dos membros. Vale salientar que havia distinções quanto a valorização do teatro de fantoches no oriente e ocidente e, justamente por essa distinção, os fantoches terem ficado à margem na produção teatral pois,

É uma arte ambígua, está entre o ser o não-ser: entre o céu e a terra; entre homens mortais e as almas do seus antepassados; é fenomênico e ao mesmo tempo é energia divina; está entre a realidade e a fantasia. Essas contradições permeiam-se ao longo de sua história. No oriente ligado ao teatro sacro, é uma arte tradicional muito conceituada. No ocidente, mais ligado ao povo e à crença, é, talvez, por isso mesmo, considerado uma arte medíocre. (AMARAL, 1996:76)

Na América, chegaram por meio dos colonizadores e, especificamente no Brasil, isso ocorreu por volta do século XVI, quando ocorreram as primeiras representações com

¹ Raymundo Magalhães Júnior ainda fala sobre o teatro em outras partes do mundo naquela época incluindo o Japão, Coréia e Índia cada uma com suas especificidades.

bonecos mais aprimorados para a época, levando em consideração que já existiam relatos de alguns bonecos feitos pelos próprios nativos; porém, somente no século XX os fantoches passaram a ser utilizados continuamente, com apresentações voltadas para o teatro.

Essas apresentações com fantoches ainda possuíam um caráter religioso – permanência ainda dos tempos antigos – que com o tempo vai se transformando “[...] tornando-se cada vez mais descontraído, fazendo uma ligação com a vivência cotidiana do homem, seus desejos, vaidades, liberdade e opressões.” (SILVA, 2011:13)

Esse tipo de teatro muitas vezes é marginalizado diante das outras expressões – como já foi dito acima sobre sua “desvalorização” no Ocidente – mas é, principalmente no Norte e Nordeste que ele se difunde. “[...] A localização geográfica e as tradições culturais é o que determina a fisionomia de cada boneco, cada história cada personagem, que também se vincula ao contexto histórico, social, econômico, religioso e educativo.” (SILVA, 2011:14).

Essa prática, no mundo contemporâneo vem sendo utilizada também no ensino como uma técnica que auxilia e facilita o ensino na educação formal. “[...] A inserção do gênero teatral de fantoches como instrumento de aprendizagem trás infinitas possibilidades no desenvolvimento integral e aquisição de conhecimento em todas as faixas etárias. Contudo, precisa ser muito bem planejada e acompanhada.” (SILVA, 2011:20)²

2. Os mamulengos como uma metodologia lúdico-pedagógica nas aulas de História.

Há algum tempo é objeto de discussão para a educação o desenvolvimento da criação e expressão artísticas na educação, não só como uma forma de lazer em eventos determinados nas escolas, de forma mecânica, mas também como uma metodologia de ensino para a aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades e competências por parte dos alunos.

As novas formas de ver o teatro na escola analisam a possibilidade de considerar as riquezas culturais, onde os envolvidos possam sentir, vivenciar, refletir, imaginar e criar

² A autora cita sua experiência na Educação Infantil ressaltando o teatro como um excelente recurso que gera a capacidade de explorar diversos eixos para o desenvolvimento infantil que estão de acordo com o Referencial Curricular Nacional. Mas deixa claro, como já foi dito, que é um recurso que pode ser utilizado para qualquer faixa etária.

novos mundos, e, ao mesmo tempo, examinar e si mesmo e a sociedade ao seu redor. A arte do teatro, por ser uma linguagem universal, pode ser entendida em todos os lugares, de maneiras distintas e particulares. Dessa forma, o teatro de fantoches pode ser utilizado na escola como recurso de aprendizagem, necessitando assim de uma preparação cabal por parte dos professores, para que possa ser explorado de forma mais proveitosa para os sujeitos envolvidos.

Como mostra Maria de Nazaré Alves da Silva, o teatro como metodologia pode estimular vários elementos de desenvolvimento para os alunos:

Explorar o conhecimento do corpo através de movimentos variados estimula a imaginação transportando para outros mundos e possibilitando vivenciar outras experiências e realidades. Além disso, abordam outros conhecimentos que são relevantes para a vida pessoal e construção de cidadania, na encenação de uma peça de teatro o professor pode estar trabalhando assuntos como: higiene, alimentação, violência, sexualidade, valores morais e éticos. (SILVA, 2011:20)

O uso do teatro de fantoches também possibilita diversas idéias e hipóteses sobre o que se procura conhecer. O aluno pode conceber, elaborar sua visão de mundo e sua identidade, além de considerar novas significações e conceitos sobre o “mundo real”, estimulando o seu entendimento e sua imaginação criadora, abrangendo várias linguagens, como a verbal, corporal, plástica, entre outras. O trabalho e a elaboração dos elementos do teatro, ou seja, os personagens e os textos, parte das próprias vivências e experiências pessoais dos alunos, que devem ser levados em consideração, como suas características psicológicas e circunstâncias econômicas e sociais.

Através dessa linguagem do teatro de fantoches, a criança pode expressar suas vivências e experiências exercitando sua consciência crítica, demonstrando a si e aos outros o mundo em que gostaria de viver e pessoas que gostaria de conviver. Além disso, a criança poderá analisar suas ações e interagir melhor com seus semelhantes de forma descontraída e espontânea através do lúdico, sem aquele “peso” que carrega os adultos quando analisa seus atos no intuito de cumprir com convenções sociais. (SILVA, 2011:22)

Além disso, no teatro com fantoches, o aluno pode desenvolver a socialização com o professor e seus colegas, ou seja, cresce como sujeito individual e também social.

O teatro de bonecos na formação do educando tem como objetivos: a percepção visual, auditiva e tátil; a percepção da seqüência de fatos (noção espaço-temporal); coordenação de movimentos; expressão gestual, oral e plástica; criatividade; imaginação; memória; socialização e o vocabulário. Tendo valor formativo porque supõe relação social, interação, contribuindo para a formação de atitudes sociais, respeito mútuo, solidariedade, cooperação, iniciativa pessoal e grupal. (SILVA, 2011:23)

É interessante notar que a atividade lúdica com os fantoches, ou mamulengos, também abrange a própria confecção dos bonecos, que pode ser feita com a participação do professor junto com os alunos, estimulando a expressão oral junto com a plástica. As várias etapas da construção, elaboração e expressão contidas no teatro possibilitam ao aluno ser autor e ator, construindo e reconstruindo a sua própria história.

O uso de fantoches na educação pode ser feito em várias áreas do conhecimento, onde é possível trabalhar com conteúdos e problemas sociais. Para isso, é necessário que o professor esteja bem preparado para fazer a mediação e contextualizar os temas à atividade. Na área da História, também é possível trabalhar temas relacionados à temas históricos e sociais de forma lúdica, estimulando as várias habilidades e competências que podem ser desenvolvidas na área do teatro com fantoches, ou mamulengos. Nessas atividades, pode haver a participação de todos, não só do professor como autor e enunciador, mas também os alunos, evidenciando suas concepções e faculdade de criação e expressão numa atividade onde não há espectadores, mas a platéia também faz parte do espetáculo.

3. O PIBID de História – UFRN/CERES – Caicó/RN utilizando os mamulengos nas suas apresentações, dentro e fora da sala de aula.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência tem por objetivo dar oportunidade aos graduandos das licenciaturas de entrarem em contato com o ambiente

escolar, para que ganhem experiência na sala de aula, contribuindo, assim, para a sua formação acadêmica e profissional.

Em meio aos planejamentos das intervenções, surgiu a vontade de levar algo novo para os alunos, algo que chamasse atenção deles e que tornasse a aula de História mais dinâmica e atrativa, levando em consideração, também, a interdisciplinaridade, esta que “parece consistir num movimento processual, na efetivação de experiências específicas e que surgem da necessidade e da contingência do próprio estatuto do conhecimento” (PAVIANI, 2008:14), em coerência com o tema abordado.

O subgrupo do PIBID de História – UFRN/CERES – responsável por trabalhar metodologias ligadas à “Comunicação e Expressão” resolveu utilizar os mamulengos como meio inovador na sala de aula, algo acordado pelos seis membros que compunham o grupo e que trabalhariam o conteúdo da Colonização do Brasil nas turmas de 1º ano do Ensino Médio, na Escola Estadual Calpúrnia Caldas de Amorim – EECCAM.

A escolha desta metodologia foi feita por abrengrer pontos essenciais aos olhares dos pibidianos: Os mamulengos seriam confeccionados com materiais recicláveis, atingindo o objetivo da interdisciplinaridade, ao preocuparem-se com a sustentabilidade, algo geralmente relacionado à Geografia; “nesse caso, a interdisciplinaridade teria o objetivo de mediar as divisões e as fragmentações das disciplinas, e de aproximar os saberes, via transdisciplinaridade. (PAVIANI, 2008:15). Os bonecos seriam os personagens de uma pequena peça teatral, onde contariam, com uma pitada de humor, como ocorreu o processo de Colonização do Brasil, ligando o conteúdo à metodologia de expressão, no caso, o teatro; assim, os mamulengos confeccionados pelos pibidianos dariam abertura para trabalharem a questão ambiental e o conteúdo histórico, fazendo com que os alunos também tivessem a oportunidade de pôr em prática o que foi apreendido em sala de aula.

Depois de um planejamento geral, os componentes do grupo “Comunicação e Expressão” entraram no processo de busca de materiais para a produção dos mamulengos. Então, conseguiram arrecadar garrafas peti, retalhos de tecidos, tinta guache, pedaços de E.V.A, barbante, dentre outros materiais presentes no nosso cotidiano, que acabaram ganhando vida na forma de mamulengos. A produção foi feita em grupo, onde o talento dos componentes foi um fator primordial para a delegação das funções de cada um, pois enquanto

uma costurava à mão as roupinhas de retalhos dos mamulengos, que cobririam a garrafa peti e facilitariam o movimento dos mamulengos, outra desenhava e recortava os olhos, o nariz, a boca e os membros dos bonecos, feitos de E.V.A; depois veio a parte da montagem feita com cola quente e, por fim, os retoques feitos com a tinta guache.

Com os bonecos prontos, chegava o momento de outra etapa fundamental – a construção do roteiro da peça, algo feito com bastante atenção ao conteúdo, pois o processo de ensino e aprendizagem era o foco do projeto. Os personagens eram: A Professora (que narraria toda história), O Rei de Portugal, Pedro Álvares Cabral, dois índios e uma índia; dessa forma, cada membro do grupo ficaria responsável pelas falas e mobilidade de um personagem da peça. A história gerou em torno do primeiro contato entre Cabral e os nativos, após ele ser enviado para as novas terras, pelo Rei de Portugal, com a intenção de conhecê-la. Dentro desse contexto, foram abordados alguns temas primordiais para o entendimento da vida nativa e da relação dos indígenas com os europeus: o trabalho feminino dentro da cultura indígena, a obediência ao chefe da tribo, a surpresa de Cabral ao encontrar muitas mulheres e homens despidos, o escambo e a exploração do pau-brasil.

Os alunos permaneceram atentos à aula e às falas dos personagens, conseguindo assimilar o conteúdo de uma maneira simples, objetiva e divertida, algo inovador para aqueles adolescentes de escola pública que prestigiavam as aulas do PIBID – História.

Em seguida, o grupo utilizou a música “500 anos depois – Planta e Raiz”, que faz uma crítica ao que vemos no livro didático sobre a colonização do Brasil e como os brasileiros tratam o país quinhentos anos após a chegada dos portugueses no território nacional. O recurso musical foi escolhido por ser uma linguagem que faz parte do cotidiano dos alunos e os aproximaria mais ainda do fato histórico.

Com duas visões praticamente antagônicas sobre o mesmo tema, os alunos foram convidados a produzirem seus próprios roteiros, em grupo, para apresentarem em sala de aula. A finalidade de tal atividade seria promover o senso crítico dos alunos, aliado à apreensão do conteúdo, de maneira que eles conseguissem transformar isso em produções escritas, que serviriam de roteiro para a encenação com o teatro de mamulengos, tal encenação despertaria a habilidade de expressão e desenvoltura com os bonecos manipulados por eles, tornando-os, então, autores e protagonistas da História.

O resultado foi brilhante. Os alunos utilizaram a criatividade e produziram encenações de no máximo 10 minutos, relacionando a música, a história e a realidade, tudo dentro da proposta feita pelo grupo de “Comunicação e Expressão” do PIBID – História, comprovando que a metodologia lúdico-pedagógica atingira seu objetivo principal, ou seja, os mamulengos, por mais infantis e inocentes que pareceram, a priori, aos olhos dos alunos do 1º ano do Ensino Médio, conseguiram envolvê-los e transformar a História Colonial do Brasil em algo prazeroso, divertido e útil, sem perder de vista o foco conteudista.

O resultado foi visto pelo grupo de uma maneira tão positiva que o projeto dos “Pibidilengos”, como foi intitulado, foi apresentado na CIENTEC 2011, em Natal – RN, como um produto gerado em meio aos planejamentos e atuações do PIBID em sala de aula. Durante a apresentação na CIENTEC, o teatro de mamulengos foi utilizado para explicar e ilustrar a função do PIBID na sala de aula. Os bonecos que haviam sido confeccionados ganharam uma nova roupagem e um novo personagem, o que demonstra a flexibilidade em relação a adaptação dos bonecos para outros roteiros; neste caso, se trata de uma aula de História do PIBID que contava com a participação de personagens históricos como os indígenas e Lampião, aproximando os alunos da história regional e ilustrar as metodologias utilizadas nas aulas do grupo “Comunicação e Expressão” do PIBID de História, englobando desde as dinâmicas integrativas de apresentação até a produção de paródias e poesias feitas pelos próprios alunos.

Referências

AMARAL, Ana Maria. **Teatro de formas animadas: Máscaras, bonecos, objetos**. 3ª Ed. Editora Universidade de São Paulo, 1996.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. **Metodologia do Ensino de teatro**. 7ª ED. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raymundo. **Teatro I** - Volume 6. Biblioteca educação é cultura. RJ, 1980.

PAVIANI, Jayme. **Interdisciplinaridade: conceitos e distinções**. 2. ed. rev. – Caxias do Sul, RS: Educs, 2008.

SILVA, Maria de Nazaré Marques da. **Teatro de fantoches: Uma atividade cênica como estratégia para aprendizagem no ensino infantil**. Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Acre, 2011.